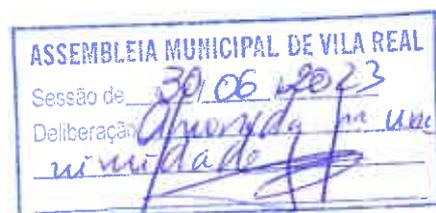




Assembleia Municipal de Vila Real



## ATA NÚMERO DOIS

## SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

DE

25 DE ABRIL 2023



----- No dia vinte e cinco de dois mil e vinte e três, nos Claustros do Edifício do Antigo Governo Civil de Vila Real, reuniu a Assembleia Municipal de Vila Real, sob a presidência do seu Presidente, João Manuel Ferreira Gaspar (PS), coadjuvado por Henrique de Matos Morgado (PS) e Maria de Fátima Gonçalves Mouriz Correia (PS), respetivamente Primeiro e Segunda Secretários. -----

----- Assinaram a “Lista de Presenças”, para além dos mencionados, os seguintes Deputados Municipais: Maria João Filomena dos Santos Pinto Monteiro (PSD), Carla Alexandra Ribeiro de Carvalho Martins (PS), Joana da Costa Lopes Gonçalves Rapazote (CDS-PP), Rodrigo Silva Monteiro de Campos e Sá (PS), André Miguel Sequeira de Sousa Abraão (PS), Nuno Miguel Parente Saavedra da Costa (PSD), Ana Daniela Lourenço Alves (PS), Ana Paula Florêncio Aires (PSD), Gilberto Paulo Peixoto Igrejas (PS), Nuno Ricardo Meireles Gomes Durão Lopes (PS), Alina Maria Azevedo Sousa Vaz (PSD), Fernando Manuel Silveira Lopes (PS), Hugo Miguel dos Santos Afonso (PSD), José Monteiro dos Santos (PS), Olga Marina Peixoto Cardoso (PS), Maria José Felix Pinto Augusto Rebelo (CDS-PP), Octávio Martins Salgueiro (PS), Luís Filipe Borges Brigas (Presidente da Junta de Freguesia de Aباças - PS), Jorge Manuel do Souto Alves (Presidente da Freguesia de Andrães – PS), Ivo Miguel Fernandes Moreira (Presidente da Junta de Arroios -Mais e Melhor), Jorge Luís Jorge Maio (Presidente da Freguesia da Campeã- PS), João Filipe Magalhães Gonçalves (Secretário da Junta de Freguesia de Folhadela- PS), Paulo Alexandre Portela Correia (Presidente da Junta de Freguesia de Guiães -PS), José Duarte de Carvalho Gomes (Presidente da Junta de Freguesia de Lordelo-Amar Lordelo), Alberto Lopes Gonçalves da Mota (Presidente da Junta de Freguesia de Mateus - PS), Félix Manuel Lourenço Salgado Touças (Presidente da Junta de Freguesia de Mondrões -PS), Paula Alexandra Gomes Gonçalves de Jesus Teixeira (Presidente da Junta de Freguesia de Parada de Cunhos -PS), José Maria Aires da Costa (Presidente da Junta de Freguesia de Torgueda – PS), Sandra Maria Guedes Teixeira Marcelino (Presidente da Junta de Freguesia de Vila Marim - PS), José Armando Ribeiro de Sousa (Presidente da União de Freguesias de Borbela/Lamas d’Olo - PS), Francisco José Moreiras Nogueira (Presidente da União de Freguesias Constantim/Vale de Nogueiras-PS), Hélder Albertino Carneiro Afonso (Presidente (Presidente da União de Freguesias Mouços/Lamares -PS), Paulo Jorge Teixeira Ferreira (Presidente da União de Freguesias Nogueira /Ermida -PS), Francisco Alcino Varandas Coutinho (Presidente da União de Freguesias S. Tomé do Castelo/Justes- Sentir), Maria Adília Barrias Clemente (Presidente da União de Freguesias de Pena/Quintã/Vila Cova - Sempre); Francisco José Ferreira da Rocha (Presidente da Freguesia de Vila Real). -----

----- **Foram justificadas as faltas e admitidas as substituições dos seguintes Deputados Municipais.** -----

---- Pedro Fernando Seixas Leite da Silva (PSD), por Nuno Miguel Parente Saavedra da Costa (PSD). -----

---- José Augusto Fernandes Barroso Borges Rebelo (PSD), por Ana Paula Florêncio Aires (PSD). -----

---- Luís Daniel Perdigão Simões (Partido CHEGA), não se fez substituir. -----

---- Carla Maria dos Santos Mourão (CDS-PP), por Maria José Félix Pinto Augusto Rebelo (CDS-PP). -----

---- Carlos Alberto Pitrez dos Santos (Presidente da União de Freguesias Adoufe/Vilarinho da Samardã - PS), não se fez representar. -----

---- Manuel Adolfo Salgueiro Libório (Presidente da Junta de Freguesia de Folhadela- PS), por João Filipe Magalhães Gonçalves (Secretário da mesma Freguesia). -----

---- **Faltas injustificadas:** Não houve. -----

---- A Câmara Municipal esteve representada pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos. Pelos Senhores Vereadores do PS: Alexandre Manuel Mouta Favaio, Mara Lisa Minhava Domingues, Adriano António Pinto de Sousa, Carlos Manuel Gomes Matos da Silva, e pelos Senhores Vereadores do PSD: Luís Manuel Tão de Sousa Barros e Nataniel Mário Alves Araújo. -----

---- **Hora de abertura:** Às dez horas, constatada a existência de quórum, o Senhor Presidente declarou aberta a presente sessão extraordinária. -----

### ORDEM DO DIA

Ponto Único – Sessão Solene Comemorativa do 49º Aniversário do 25 de Abril de 1974.

---- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL (JOÃO GASPAR):-** No uso da palavra, disse: Muito bom dia a todas e a todos, vamos dar início à Assembleia Municipal. Começo por cumprimentar:

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Vila Real, meu amigo Rui Santos e na sua pessoa cumprimento todo o Executivo Camarário e também extensivo aos Senhores Vereadores da oposição,

Excelentíssimos Senhoras e Senhores Deputados Municipais desta ilustre e nobre Assembleia Municipal de Vila Real,

Excelentíssimo Senhor superintendente da Polícia de Segurança Pública,

Excelentíssimo Senhor Comandante da Guarda Nacional República,

Excelentíssimo Senhor Comandante do RI13 de Vila Real.,

Excelentíssima Senhora Juíza Presidente da Comarca de Vila Real,

Excelentíssimo Senhor Pró-reitor para o Planeamento, Território e Património, da UTAD

Excelentíssimas Autoridades Cívicas e Militares,

Amigos Bombeiros da Cruz Branca e da Cruz Verde, como habitualmente fazem parte do elenco desta Assembleia Municipal nesta data, e nos Senhores cumprimentos também e vossos comandantes e presidentes,

Excelentíssimo Senhor Presidente da Cruz Vermelha

Excelentíssimos Senhores comandantes da Proteção Civil,

Excelentíssimo Senhor Enfermeiro Diretor do CHTMAD

Excelentíssima Senhora Diretora do Instituto da Segurança Social,



Excelentíssimo Senhora Diretora do Centro de Emprego e Formação Profissional,  
Excelentíssima (o)s Senhoras Diretoras das Escolas,  
Excelentíssimo Senhor Diretor do ACES Douro Marão,  
Excelentíssima (o)s Senhores Diretor e Chefe Divisão do Serviço de Finanças,  
Excelentíssimo Senhor Diretor do Conservatório de Música,  
Excelentíssimo Senhor Presidente, meu amigo José Manuel Teixeira da Associação Portuguesa para a Qualidade de Vida,  
Excelentíssimo Senhora Presidente da INATEL,  
Excelentíssimo Senhor Representante das Infraestruturas de Portugal,  
Excelentíssimo Senhor Presidente, da Ordem dos Advogados de Vila Real,  
Excelentíssima Senhora Vice-Presidente da Ordem dos Médicos de Vila Real,  
Excelentíssimo Senhora Conservadora do Registo Civil de Vila Real,  
Excelentíssimo Senhor Presidente, do Conselho de Administração da Empresa Municipal Vila Real Social e do Régia Douro Park,  
Excelentíssimo Senhor Representante da Confraria do Covilhete, meu amigo Hilário, Senhoras e Senhores da Comunicação Social, Márcio Martins, sempre aquele cumprimento muito forte e muito especial, por estares presente,  
À UTADTV que nos tem vindo a acompanhar nestes últimos anos e a todos os técnicos da Câmara Municipal que prestaram o seu contributo para que este evento se realizasse, muito, muito obrigado pela vossa disponibilidade, pela vossa paciência e pela vossa tolerância,  
Àqueles que são mais importantes aqui presentes também vou dar um grande beijinho e grande abraço de agradecimento, que também faz parte este grupo crianças que para nós, Câmara Municipal de Vila Real, são o elemento mais importante da nossa sociedade, são os elementos mais importantes do mundo, para vocês meninas e meninos e aos pais muito obrigado por estarem aqui connosco presentes.  
A todos as Senhoras e Senhores Convidados,  
Também para o Povo de Vila Real, que nos segue através da UTAD TV é também sempre a nossa palavra chave, muito obrigado a vocês todos e é por vocês que nós estamos aqui.  
É para mim como Presidente da Assembleia Municipal da Autarquia de Vila Real, uma honra e um privilégio presidir a esta cerimónia festiva do 25 de Abril, uma data gravada na história do nosso País e não só, mas também na história de todo o mundo pela mudança do paradigma político-económico e social. Abriu as portas da Liberdade, da Democracia a um Povo acorrentado nas masmorras do fascismo do obscurantismo, da repressão, do sofrimento que provocaram um medo atroz, castrador do desenvolvimento de Portugal.  
Bem-haja Militares de Abril, que através do movimento das forças armadas, incorporando um Povo Português maravilhoso na sua coragem, na luta e na sua dádiva conseguiram a libertação do jugo do Estado Novo. Muito obrigado, pois graças a eles é possível estarmos aqui hoje, usufruindo deste evento, que foi realizado, precisamente, na homenagem que esta Assembleia Municipal presta através do Povo de Vila Real, legitimamente

representado neste Órgão Autárquico. Como diria Churchill, não nos devemos esquecer dos erros do passado, se não estaremos condenados a repeti-los. Muito obrigado pela vossa presença de uma forma espontânea e voluntária nesta cerimónia que será muito, muito diversificada.

Agradeço do fundo do coração, desde já, ao Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Vila Real e, na sua pessoa, agradeço também de uma forma muito generosa a todo o staff, como Vereadores, Assessores e a todos os funcionários por todo o apoio dado, para que esta cerimónia se realizasse. Muito obrigado meu querido amigo Rui Santos.

À Maria João Santos, Secretária da Assembleia Municipal, também um agradecimento muito especial pela tenacidade e entusiasmo colocado na preparação deste evento.

Agradecer também a uma amiga sempre pronta a colaborar, que não pode estar presente, pelo seu contributo dado à decoração e à elaboração deste ambiente festivo fantástico, à Senhor Arquiteta Graça Campolargo.

Cumprimento e agradeço ainda, de uma forma efusiva, a todos os intervenientes que irão abrilhantar este momento:

A todas as crianças das Escolas que aqui vieram demonstrar a forma de tratar bem o ambiente e, em vós, também quero cumprimentar todas as crianças deste mundo que tanto contribuem para a manutenção e melhoria do nosso Planeta Terra. É em vocês que depositamos toda a confiança, para que o curso de deterioração da natureza se inverta.

Agradeço ainda, ao Teatro Nordeste, Filandorra, na pessoa do Dr. David Carvalho pelo seu contributo neste evento, ao Coro de Vila Real de uma forma pessoal e integrante, na pessoa do seu maestro Adérito Silveira, aos elementos constituintes, pela disponibilidade, qualidade, entusiasmo e empenho que incutem na sua atuação.

Reconhecidamente e de uma forma efetiva agradeço a presença da Excelentíssima Senhora Professora Sara Pires Rodrigues, da Universidade de Aveiro, Presidente da Associação Portuguesa do Projeto Casa Comum, pela disponibilidade e também pela solidariedade para este momento, constituindo para nós uma mais valia para a discussão deste tema, muito obrigado, Senhora Professora.

E, ainda, neste programa agradeço à Associação Mar de Pedra, na pessoa do Senhor Professor Álvaro pela disponibilidade do seu contributo.

E, em face desta Assembleia decidimos alterar a ordem da Ordem do Dia do programa desta Assembleia Municipal, dando a primazia a estes elementos constituintes desta assembleia, pois eles irão passar à frente de toda a gente e eles vão ser precisamente os primeiros a atuar neste evento.

Assim, começo por chamar:

--- **VICENTE FERREIRA QUEIRÓS - EB1 Arrabães**, disse: O 25 de Abril foi e continuará a ser um marco de vitória pela Liberdade, que se encontra diretamente ligada à saúde do ambiente, que nos rodeia.

Preservemos esse espírito e relembremos esta data como lembrança poderosa, para uma mudança significativa e que se quer de todos.



----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **JULIANA PINTO DE SOUSA - EB1 Lordelo**, disse: A natureza é o único livro que oferece um conteúdo valioso em todas as folhas.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **DAVID CAMPOS AZEVEDO - EB1 Prado**, disse: O 25 de Abril ofereceu-nos Liberdades, saibamos respeitá-las todas, em especial o cuidado com o nosso Planeta.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **GONÇALO DINIS DA COSTA - EB1 Vendas**, disse: Depois da revolução dos cravos, o dia 25 de Abril de 1974, as pessoas ganharam oportunidade de exprimir as suas ideias livremente. E, por consequência, abusaram dessa Liberdade prejudicando o Ambiente por falta de responsabilidade. Na atualidade há mais criminosos, mais incendiários e mais poluidores da natureza.

O homem está a destruir esse mesmo ambiente e por egoísmo não se preocupa como é que vão viver os que virão depois de nós.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **GUSTAVO HENRIQUE FERREIRA LEBRES - EB1 Vila Real nº 2 (Bairro S. Vicente de Paula)**, disse: Bom dia a todos, chamo-me Gustavo Lebres e vou ler este texto relativo ao Ambiente.

Peço desculpa pelo meu nervosismo porque é a minha primeira vez a falar em público.

Vamos lá começar: O Ambiente, o nosso mundo.

Nós temos que ajudar o Planeta. Temos já várias políticas: reciclar, recusar, repensar, reutilizar, reduzir, responsabilizar.

Nós, as crianças, que somos o futuro da vida, se não cuidarmos desta nossa segunda casa não teremos Planeta B onde possamos viver.

As florestas são destruídas, a atmosfera poluída, os vícios mais envenenados, temos de dizer NÃO a esta poluição.

Vamos todos ajudar. Afinal este nosso Planeta é a nossa terra, a nossa casa, o nosso pão e a nossa mesa.

Vamos todos cuidar do Ambiente para que ele não fique doente, essa é a nossa missão, essa é a nossa obrigação.

O nosso futuro está nas nossas mãos.

Viva a Escola do Bairro.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **MARIA DE CARVALHO SANTOS CORREIA - EB1 Vila Real nº 3 (Corgo)**, disse: Neste dia da Liberdade que todos nós ousemos também a favor do Ambiente e basta um pequeno gesto, individual ou coletivo.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **MANUEL ANTÓNIO FERNANDES LOPES - EB1 Vila Real nº 4 (Árvores)**, disse: A Revolução de Abril trouxe-nos o nosso maior tesouro a Liberdade. Um direito fundamental à vida.

Viver em liberdade significa respeitar, cuidar uns dos outros e cuidar da nossa casa, a Terra. No dia a dia somos constantemente confrontados com situações, que mostram o meio ambiente que sofre silenciosamente, tal como um povo sem liberdade.

Cabe-nos a todos o dever de o defender e de o preservar para as gerações futuras, e nós as crianças somos o futuro.

O nosso hino da escola diz: deixaram-me um presente que é de toda a gente e dele todos temos de cuidar.

A terra é um tesouro está cheio de magia, de luz, de vida, cor e fantasia.

Com gestos simples, mas de valor, todos teremos um mundo melhor.

Só cuidando bem da nossa casa podemos usufruir de outro direito fundamental, o de vivermos num ambiente saudável, equilibrado e seguro, em Liberdade.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **ÉRICA FERNANES NEVES - EB1 Vila Real nº 6 (Timpeira)**, disse: Se queremos ter o direito de viver livremente num Planeta saudável, temos o dever de o respeitar e de cuidar daquele que é o nosso lar.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **ARIADNA GONZALES DOHONA - EB1 Vila Seca**, disse: O Ambiente, o ambiente é a nossa primeira casa, temos obrigação de cuidar bem do ambiente. Para isso e porque somos um meio do interior norte devemos dar especial atenção à floresta.

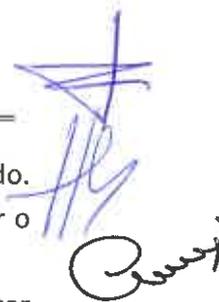
É urgente manter limpas e reflorestar as zonas ardidas para a proteção de espécies vegetais e animais. Não adiem mais o que já devia ter sido feito.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **KAIQUE ALVES DE MOURA - EB1 Vilarinho da Samardã**, disse: Temos que proteger o nosso meio ambiente.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **SOFIA DE CARVALHO RIBEIRO - EB1 Abade Mouços**, disse: Ambiente limpo não é o que mais se limpa, e sim o que mais se suja.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **JÚLIA LUNA – EB1 Araucária**, disse: Devemos cuidar do Ambiente como se fosse a nossa vida.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **RAFAEL MOURÃO – EB1 Douro**, disse: Olá, chamo-me Rafael Mourão e vou ler umas frases sobre o Ambiente.



O Ambiente, nós podemos salvar o mundo apenas com o tempo, com o tempo se faz tudo. O Ambiente é importante e nós temos de o proteger. E então nós não devemos deitar o lixo para o chão quando temos caixotes ao lado.

Para evitar o aquecimento global e outros desastres feitos pelo homem, devemos evitar poluir o Ambiente e em vez disso cuidar dele.

Se todos nós dessemos um passo em frente em relação ao Ambiente, o mundo seria muito mais diferente.

O meio ambiente é único e está a desaparecer, por isso, em vez de o prejudicar, temos de o renascer.

O Ambiente é maravilhoso e nós devemos protegê-lo, dar-lhe carinho e amor, limpá-lo e torná-lo melhor, nunca o prejudicar.

Não podemos poluir, isso é destruir. Amar e cuidar será o bem a fazer.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **FILIFE MOURA – Colégio João Paulo II**, disse: O 25 de Abril de 1974 foi um marco histórico a todos os níveis para o nosso País, até mesmo para o direito do Ambiente.

Foi sobretudo depois da revolução que a política do Ambiente em Portugal se desenvolveu. O Ambiente e a sustentabilidade devem ser uma das preocupações centrais da sociedade, pois proteger o Ambiente é da responsabilidade de todos nós.

O nosso Planeta depende das nossas ações, e ser livre também é fazer por todos. E o maior de todos eles é não se fazer nada por se achar que se faz pouco.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e chamou, **FRANCISCA FERREIRA RIBEIRO – Colégio S. José**, disse: Já pensaste que o Ambiente precisa de ti? Todos somos responsáveis porque defender o Ambiente é defender a vida e o nosso querido Planeta.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**, agradeceu e disse: Depois deste momento maravilhoso, depois deste momento sem qualquer tipo de maquilhagem, este momento simples, muito puro e porque vocês merecem, também vão ter um diploma para vos recordar sempre desta vossa atuação e desta vossa data.

Muito obrigado a todos por este momento.

Chamo de seguida o Coro de Vila Real, que fez a sua atuação.

Mas, aqui e de uma forma muito afetiva e de uma forma muito unipessoal e, foi propositado de minha parte fazer a evocação daquilo que se vai seguir, quero dar um grande abraço a uma das pessoas, das primeira que eu conheci quando cheguei a Vila Real há trinta e dois anos, um dos meus primeiros amigos nesta cidade, um amigo que tanto me ajudou e tem ajudado. Essa pessoa que também foi uma iminente figura desta Assembleia Pedro Ramos. Para ti, Pedro, um grande abraço também e em ti cumprimento todos os nossos antecessores Presidentes da Assembleia Municipal. Como eu disse, Pedro, foi propositado porque tu fazes parte desta Assembleia Municipal. E queria fazer este

momento durante o decurso deste evento da Assembleia Municipal a que tu também muito meritoriamente e merecidamente pertences. Muito obrigado Pedro Ramos por tudo. Bem-haja meu querido amigo.

Agora chamo o grupo Filandorra que nos vai agradecer neste momento e fazer a sua atuação. Um grupo de teatro que faz parte também do património cultural da nossa cidade, faz parte do património cultural da nossa gente.

Muito obrigado David pela vossa boa vontade e também pela vossa colaboração.

Atuaram.

Muito obrigado ao grupo Filandorra por retratarem fielmente aquilo que era a nossa vida. E agora vamos passar a outra fase da nossa ordem do dia.

Peço o favor à Senhora Professora Sara Moreno Pires. É uma Professora Auxiliar de Políticas Públicas, no departamento de ciências sociais e políticas e do território da Universidade de Aveiro e investigadora da Unidade de Investigação em governança competitividade e políticas públicas.

É Doutorada em Ciências Aplicadas ao Ambiente pela Universidade de Aveiro, Mestre em Development and Planing Everotmen and sustenabile Development pela University College London – UCL e Licenciada em Economia pela Universidade de Coimbra.

É atualmente Presidente da Organização não Governamental Internacional de Ambiente – Coming On Of Humanity – Casa Comum com Sede em Vila Nova de Gaia, cuja missão é a de reconhecimento do Clima Estável com Património Comum da Humanidade junto das Nações Unidas.

A Casa Comum da Humanidade foi a primeira ONGA em Portugal a ser acreditada pelas Nações Unidas como Membro Observador da Assembleia Geral da ONU e da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas.

Foi Coordenadora Científica do Projeto “Pegada Ecológica dos Municípios Portugueses, 2018-2021, distinguido com o primeiro prémio da cooperação da Universidade de Aveiro 2021 na área do Territórios, Cultura e Economia.

Investiga e publica sobre Políticas Indicadoras de Desenvolvimento Sustentável Inovação de Base Territorial e Governação Local e colabora com as Câmaras Municipais, ONGS e Empresas da área do Desenvolvimento Sustentável e Direitos Humanos.

Bem-vinda Professora Sara, mais uma vez, muito obrigado.

----- **CIDADÃ CONVIDADA SARA MORENO PIRES** : - No uso da palavra, disse: Começar por cumprimentar o Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Vila Real é um prazer estar aqui e, na sua pessoa, os demais membros do Executivo.

Começar por cumprimentar também o Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal, é uma honra aceitar este convite, e os demais membros da Assembleia Municipal.

Na pessoa do Senhor Presidente da Assembleia Municipal cumprimentar também as restantes entidades públicas, civis, militares que aqui estão presentes.



Não me alongando mais nos cumprimentos, espero não trazer a parte mais científica e mais desagradável da sessão depois desta magnífica sessão até agora.

Mas é sobretudo para mim um privilégio muito grande estar aqui, mas uma honra ainda maior poder trazer a esta sessão do 25 de Abril, esta sessão que comemoramos e partilhamos valores tão importantes. Um momento em que estamos também, em termos de humanidade uma grande encruzilhada e que trazer aqui neste dia este fator que nos une a todos é extraordinariamente relevante.

E escolhi uma fotografia para iniciar a minha sessão, que foi uma das fotografias mais famosas e tirada em 1960. A fotografia que podem ver ali, chamou-se o nascer da Terra foi tirada da Lua pelo o Astronauta William Anders que foi na missão Apollo 8. E este Astronauta ficou de tal forma surpreendido, esta é ainda hoje uma das fotografias mais influentes da nossa história.

Retratou na década de 60, final da década de 60 uma sensação que os astronautas começaram a sentir, quando viam o Planeta Terra ao longe, sobretudo da Lua. E o que ele disse foi: “viemos de tão longe para explorar a Lua e acabamos por descobrir a Terra”. E, de facto, este efeito de perspectiva “over you a factory” que os astronautas depois sentem quando estão no espaço e observam este ponto azul, tão uno, tão indivisível, sem fronteira, sem conflitos, não conseguimos ver porque não estávamos em democracia naquela altura. De facto, uns anos depois, ainda não estávamos em democracia, esta tornou-se uma das fotografias mais vistas e com mais download na nossa Internet, ainda hoje.

Esta imagem do Planeta Terra, que traz esta consciência global, que de facto, somos tão pequenos, tão insignificantes num universo tão amplo.

E esta frase que a partir do espaço, a fragilidade e a insignificância da nossa vida torna-se real. A partir do espaço percebemos que as fronteiras nacionais desaparecem, as fronteiras locais desaparecem, deixamos de ter conflitos, deixamos de nos conseguir perceber ou relacionar sequer numa dimensão daquelas.

O sentido de unidade, o sentido de interdependência, o sentido de responsabilidade partilhada é aquilo que este efeito de perspectiva traz quando os astronautas conseguem ter esta experiência. E aquilo que eles tentam mostrar através desta imagem, através desta fotografia que, de facto, esta sobreposição deste sentido de partilha sobre o individualismo, sobre os conflitos entre as pessoas e as nações é a principal mensagem que hoje temos que trazer, neste momento, para relembrar a Liberdade. Só que a Liberdade também nos trouxe muitos outros desafios, até eu começar por dizer que estamos no momento de uma encruzilhada muito séria para nós humanidade. É que, de facto, as regras do jogo mudaram e as regras de jogo mudaram de tal forma, que desde a altura que mostrei as fotografias, início da década de 70, nós, seres humanos, conseguimos de tal forma, em 6 décadas triplicamos a população e, vejam seis décadas é um nanossegundo do Planeta Terra. Em seis décadas triplicamos a população, tivemos a capacidade de gerar tantas emissões para a atmosfera, que a atmosfera não tem capacidade de as absorver, nem os nossos oceanos, nem os nossos ecossistemas. Estamos a impactar de tal forma, a um ritmo de tal forma acelerado, que não damos espaço à natureza para fazer o seu caminho. E, de

facto, hoje sabemos que estamos numa situação de total risco para nós seres humanos e para qualquer ser vivo do planeta e porquê? E, cito Dante del Bori com uma gigantesca experiência e know how no terreno de todas estas transformações, que não é preciso ser um naturalista para saber que algo correu catastróficamente mal. E a janela de oportunidade que temos para corrigir aquilo que está a correr catastróficamente mal é muito pouca e que sabemos cada vez mais e o que a ciência nos diz é que esta janela de oportunidade está-se a encurtar, é como se estivéssemos a almejar um novo 25 de Abril e a janela de oportunidade estivesse cada vez mais longe e mais difícil de a transformar.

Se quiserem, com esta simples imagem de que quando falamos do Planeta, o Planeta já existe há 4,5 mil milhões de anos e o Planeta como está já teve vários estados, várias formas geográficas, várias formas de composição química, da atmosfera, etc..

O que nós estamos a referir e sobretudo a Casa Comum da Humanidade, que o Senhor Presidente referiu como Organização não Governamental Portuguesa, que pretende reconhecer a estabilidade climática como Património Comum da Humanidade. Isto é um padrão de funcionamento do Planeta que não existiu sempre e só existiu nos últimos onze mil anos. E a este padrão de funcionamento único os quatro mil milhões de anos da vida da Terra, que nos permitiu a nós descobrir a agricultura, desenvolver enquanto civilizações. Nós seres humanos existimos há mais de duzentos mil anos, só nos últimos onze mil anos tivemos capacidade de nos desenvolver enquanto civilizações e começar a construir toda a nossa base da sociedade de hoje.

É um segundo e é este segundo, esta estabilidade climática de funcionamento da Terra, que nós queremos proteger juridicamente e que a nossa lei do clima, a primeira lei do clima a nível mundial reconhece no seu artigo 17º, que Portugal se vai comprometer a reconhecer junto das Nações Unidas a estabilidade climática como Património Comum da Humanidade. E, deixem-me ser breve para vos poder explicar de facto as consequências.

As consequências é que estamos próximos de pontos de não retorno, isto é, como vos disse a natureza é muito interdependente e o facto de as rompermos, um determinado sistema numa determinada altura vai fazer com que todo o resto esteja em disrupção seja em cascata, como um dominó. E os cientistas cada vez mais nos alertam para dizer que é este ponto de não retorno se aproxima. E o que é que se espera? Esta imagem é uma imagem caricaturada, mas espera-se um Planeta não com a humidade do gelo, mas espera-se um Planeta extremamente ardente. Um Planeta insustentável para nós e insustentável para qualquer ser vivo. E, de facto, o Planeta vai continuar, mas noutra estado. Não sabemos se recuperará, nem sabemos nunca se vai retomar estes últimos onze mil anos que nos deram a nós a nossa Casa Comum.

Estas imagens não são desse Planeta ardente, nem fui buscá-las à Austrália, bastou centrar-me em Portugal nos últimos anos. E, são de facto a prova ou a mostra que estes eventos agudizados pelas alterações do clima, desta estabilidade climática que, cujo estado em que nos situávamos nos últimos onze mil anos já não estamos nele, já estamos numa nova era geológica chamada Antropoceno e, portanto, já estamos a entrar nesta disrupção, se



vamos a tempo de a parar é o nosso desafio conjunto. De facto, estas imagens são de Portugal, são dos nossos Municípios, são dos nossos Territórios.

E eu queria passar desta perspetiva global para aquela que é a nossa realidade local, para aquela que é a nossa realidade enquanto pessoas, enquanto trabalhadores, funções, nas mais variadas funções que desempenhamos, e responsáveis pela gestão de um Território desde as empresas, às associações, às Câmaras Municipais. E, de facto, percebermos que temos Municípios, Territórios que respeitem este único Planeta que temos é muito complexo, é um desafio que nos remete para tantas conquistas que conseguimos em termos sociais, de educação, de saúde e temos este paradoxo de que estamos a destruir aquilo que nos sustém e que nos permitirá suster no futuro. Como resolver, não terá a solução, não é fácil, mas a certeza que precisamos de todos, uns com ou outros e não uns contra os outros. E, de facto, trazer esta perspetiva de escala, que do Planeta à nossa capacidade de influenciar essa estabilidade do clima é um desafio relevante. E é nestes pequeninos Municípios é nesta pequenina escala, que ocupa apenas 2% da superfície terrestre, que nós concentramos a maior parte da população, nós concentramos a maior parte dos problemas, é aqui que produzimos a maior parte dos recursos, consumimos a maior parte de energia no mundo, é nas cidades que nos aglomeramos, que temos a principal fonte de problemas. Mas é também nestes territórios que temos que ter a principal fonte das soluções. Mas deixem-me frisar, é nas cidades porque quero muito frisar este contexto aqui em Vila Real, é nas cidades que se consomem oitenta por cento dos alimentos que são produzidos a nível mundial. E um terço dos alimentos que nós produzimos a nível mundial são deitados fora e nós sabemos hoje que os sistemas alimentares e isto pelos cientistas do sistema terrestre que estudam a estabilidade do clima, os sistemas alimentares são a causa número um da disrupção do clima.

Desde logo, Vila Real estaria extremamente posicionado para ser a capital nacional de sistemas alimentares saudáveis e sustentáveis, tem uma posição única de ligação do seu território urbano, rural para se posicionar no país e no mundo como um exemplo daquilo que pode ser para o contributo dos sistemas alimentares para a estabilidade climática.

Termino quase com este pequeno exemplo deste desafio em que usamos duas métricas, tentar trazer a ciência para medir, o que é isto de estarmos a caminhar para a insustentabilidade, o que é isto estar a criar disrupção na estabilidade do clima? Duas métricas muito simples em que tentamos medir o que nós estamos a consumir a usar dos recursos naturais e, por outro lado, aquilo que os territórios têm a capacidade de gerar anualmente, qual a capacidade de absorver as emissões, de produzir os recursos que nós queremos, purificar o ar, a água, etc.. De facto, Portugal no ano passado, se todos os habitantes do mundo, são uns oito mil milhões neste momento, consumissem como os portugueses esgotávamos os recursos que temos disponíveis para um ano, no dia sete de maio. E, cada década que fazemos, antecipamos um mês, façam as contas e vejam se estas crianças que estiveram aqui a representar-nos, se vão ter as mesmas oportunidades que nós. Não vão. E esta responsabilidade é de todos, é das crianças e foi tão fácil para mim estar aqui hoje, depois de as ouvir, é tão simples a mensagem delas e tão complexo no

nosso dia a dia de transformar a forma como atuamos em conjunto para minimizar estes problemas. E, de facto, Portugal tem antecipado a sua data, foi o primeiro dia que foi mais cedo, em dois mil e vinte e dois, sete de maio. E, nós tentamos perceber porquê. Fizemos este estudo para Portugal e fizemos este estudo para os Municípios Portugueses. Deixem-me só dar um exemplo e voltarei a este slide mais à frente, mas aqui está o dia de sobrecarga, o dia em que em cada Município esgotaríamos os recursos naturais para esse ano, se todos os habitantes do Planeta consumissem como esses habitantes desses Municípios. E temos realidades muito distintas, portanto há um papel muito diferenciado a fazer no contexto local, mas todos eles, todos os Municípios estão em deficit ecológico, todos os Municípios esgotam os seus recursos. Ainda não chegamos a agosto. E, portanto, de facto, para vos mostrar também que é muito interessante perceber que Municípios como Vila Nova de Gaia extremamente populosa, Bragança que é um dos Municípios que analisamos com muita atenção, perceber o que é extraordinário nestes territórios, não é obviamente a pressão que eles exercem, estamos à espera que quanto maior é a população maior a pressão sobre os recursos naturais, mas, de facto, aquilo que é espantoso perceber que territórios como Bragança, Castelo Branco tem um contributo excepcional para a bio capacidade do país. E nós temos que saber preservar aquilo que é escasso e aquilo que contribui tão pouco e que é insuficiente no nosso País para os consumos que nós fazemos. Conseguimos desagregar esta informação e, desde logo, a pegada ecológica pois cada município faz-nos a pergunta: o que é que estamos a fazer para contribuir para esta pressão? Fator número um para todos os territórios, a alimentação. Portugal é um dos principais Países na Europa, o quarto na Europa com a pegada da alimentação mais elevada. Somos particularmente impactantes por via da alimentação, muito longe da mobilidade, que é o fator número um. E muitas vezes quando olhamos para o contexto local temos políticas de mobilidade, mas faltam-nos políticas e estratégias para ação alimentar para termos sistemas alimentares saudáveis e sustentáveis. Habitação, água, o consumo de energia, tudo isto são setores importantes. Mas, também em Vila Nova de Gaia realçar que é contributo das florestas, o contributo das áreas de cultivo, contributo das áreas marinhas são territórios imprescindíveis, mesmo num território tão urbanizado como Vila Nova de Gaia.

Enfim, a mensagem é simples, para vos dizer que com a ciência, com as políticas públicas, com a nossa ação individual e coletiva, nós hoje temos informação suficiente para saber o que fazer, nós hoje sabemos como atuar, sabemos como inverter, estes processos disruptivos. Se nos centrarmos em três setores importantes, a alimentação, os transportes e a nossa bio capacidade, os nossos ecossistemas, nós podemos inverter trajetórias, perceber as dinâmicas do nosso país, perceber o contributo que damos para o Planeta. Esta relação de escala, interdependência com o Planeta, é crucial ser percebida e, sobretudo encontrarmos novas formas de darmos valor àquilo que tem de facto valor, à nossa Casa Comum, capacidade de nos mantermos neste Planeta com um clima, que nos possa permitir viver. E, de facto, só conseguimos isto com todos, mais uma vez, e dizer-vos para terminar, é pela nossa liberdade, é pela liberdade das próximas gerações, que devemos



repensar e que devemos, de facto, não adiar e não pensar que é com os outros e não pensar que é a nosso nível individual, a forma como vivemos uma vida tão rápida. Desacelerar, viver de forma mais simples e também trabalhar com empresas, organizações, entidades públicas, uma nova forma de viver em sociedade, que nos permita, de facto, continuar este caminho em conjunto e celebrarmos mais vezes o 25 de Abril com outras Liberdades associadas.

Muito obrigada.

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:** - No uso da palavra, disse: Muito obrigado, Senhora Professora Sara pela “lição” e pelos conselhos que nos deu.

Mais uma vez muito obrigado, leva estas rosas bonitas até Aveiro.

E agora o período que se segue para usar da palavra os representantes por eles indicados dos Grupos Parlamentares Municipais da nossa Assembleia Municipal.

Começo por chamar o representante do Grupo Parlamentar Municipal do Partido Chega. Visto não estar presente, desconhecemos o porquê. Chamaria a representante do Grupo Parlamentar do Centro Democrático Social – Partido Popular Joana Rapazote para vir usar da palavra.

Aproveito para oferecer um ramo de rosas ao Executivo Municipal aqui presente, na pessoa da Senhora Vereadora Mara Minhava pela ajuda que deram, pelo vosso contributo na elaboração deste programa.

----- **A DEPUTADA MUNICIPAL JOANA RAPAZOTE (CDS-PP):** - No uso da palavra, disse:

«Exmo. Sr. Presidente, da AMVR, Doutor João Gaspar e membros da Mesa,

Exmo. Presidente, da CMVR e membros do executivo Municipal,

Caros Deputados Municipais,

Ilustres representantes

das entidades militares,

das entidades judiciais,

da administração pública,

e das inúmeras organizações da sociedade civil hoje aqui presentes,

Minhas Senhoras e Meus Senhores, a todos endereço os meus cumprimentos.

Com o passar dos tempos impõe-se adaptar o discurso de “Hoje” (25 de Abril) para que o mesmo seja escutado “Hoje” (em 2023) e o que está na sua essência, que é de “Ontem, de “Hoje” e será de “Amanhã” prevaleça ao longo dos tempos!

Reunimo-nos hoje com um propósito claro: celebrar e exaltar a Democracia e a Liberdade, dois princípios absolutamente basilares do Estado de Direito, conquistados a 25 de Abril de 1974 e consolidados a 25 de Novembro de 1975.

Na senda da necessária modernidade do discurso de Hoje evoco a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, que consagra no direito primário da UE um amplo leque de direitos fundamentais que assistem aos seus cidadãos e residentes e que se tornou-

juridicamente vinculativa com a entrada em vigor do Tratado de Lisboa em 1 de dezembro de 2009.

A dignidade do ser humano, já reconhecida em 1948 na Declaração Universal dos Direitos do Homem, constitui a base dos direitos fundamentais. É, portanto, fundamental o respeito pelas suas várias dimensões.

Escolhemos como mote do discurso de hoje a liberdade de expressão.

Trazemos à colação 3 “Liberdades” desta Carta: ↵

A Liberdade de pensamento, de consciência e de religião – em que, e passo a citar: “Todas as pessoas têm direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, bem como a liberdade de manifestar a sua religião ou a sua convicção, individual ou colectivamente, em público ou em privado, através do culto, do ensino, de práticas e da celebração de ritos”. (Artigo 10.)

A Liberdade de expressão e de informação - em que, e passo a citar: Qualquer pessoa tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de opinião e a liberdade de receber e de transmitir informações ou ideias, sem que possa haver ingerência de quaisquer poderes públicos e sem consideração de fronteiras. (Artigo 11)

A Liberdade das artes e das ciências - em que, e passo a citar: As artes e a investigação científica são livres. (Artigo 13)

Trazemos ainda 2 “Direitos” da mesma Carta:

Direito de propriedade – (...) em que, e passo a citar: É protegida a propriedade intelectual. (Artigo 17).

Direito à educação - em que, e passo a citar: Todas as pessoas têm direito à educação, bem como ao acesso à formação profissional e contínua. (...) São respeitados, o direito dos pais de assegurarem a educação e o ensino dos filhos de acordo com as suas convicções religiosas, filosóficas e pedagógicas. (Artigo 14).

Exaltemos, portanto, a liberdade para conhecer, a liberdade para divergir, a liberdade para exprimir.

Há apenas umas escassas décadas, no passado recente do nosso País, estima-se que entre 7 e 10 mil livros tenham sido proibidos, acusados de serem “imorais, pornográficos e comunistas, irreligiosos, subversivos, maus, antissociais, dissolventes e anarquistas ou revolucionários”. (in <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2620/html/revista-e/culturas/o-letricidio>).

Questiono, meus senhores, se estamos dispostos a permitir que o mesmo caminho da censura, seja novamente trilhado?

Porque em nome do politicamente correto, também reconhecido como movimento woke, assistimos a um fenómeno crescente e exponencial de censura que se está a entranhar na sociedade a nível global, que não olha a meios, que é transversal e ataca indiscriminadamente:

- A escola, livros de todos os géneros literários (passados e actuais), ou a arte da representação (cinema e teatro) entre outros.



O politicamente correto ou movimento woke é hoje reclamado principalmente por defensores “puritanistas” do discurso não ofensivo e justiceiros sociais “autoproclamados de esquerda”, apoderando-se de temas como a educação, as políticas identitárias ou o racismo.

Veja-se a título de exemplo os casos que tão recentemente têm vindo a público como:

“Bibliotecas públicas em Inglaterra escondem livros de Enid Blyton por terem linguagem ofensiva”

Estamos a falar de livros como “Os Cinco” editados desde 1942 e de expressões como “cala a boca” e “não sejas idiota” ou de palavras como “gay” ou “gordo”. (In <https://observador.pt/2023/03/20/bibliotecas-em-inglaterra-escondem-livros-de-enid-blyton-por-terem-linguagem-ofensiva/>)

É ainda referido que: “Apenas novas versões que tenham sido alteradas estão disponíveis na biblioteca de forma imediata” isto significa, meus senhores, que obras de autores passados e contemporâneos estão a ser reescritas e manipuladas, com linguagem escolhida pelos censores dos tempos modernos!

Sim, censores! Sejamos corajosos para “chamar os bois pelos nomes”, meus senhores!

E nós, cidadãos livres, estamos a ser coniventes e a aceitar que, por um lado, seja vilipendiado o consagrado e legítimo direito de propriedade intelectual dos autores e das suas obras e por outro, seja vilipendiado o nosso basilar direito, de escolher ler ou não ler, de concordar ou discordar, criticar, ou valorizar determinado livro, obra, ideia ou pensamento, em suma estamos a abdicar do nosso direito de exercer livremente um juízo crítico sobre o que nos rodeia.

Ao não se permitir a dualidade de opinião, a diferença de interpretação, o politicamente correto alicerça-se numa abordagem de tudo ou nada, de bem ou mal, numa retórica absolutista, em que se exclui e se ostraciza quem não está alinhado.

Citando Saramago: “O que a censura tem de pior não é o facto de agredir diretamente a criação e o pensamento de um determinado escritor ou jornalista, o pior dela é que, indiretamente, atinge a sociedade inteira.”, fim de citação.

Sem que tiremos as devidas ilações da História, quais tontos, caminhamos alegremente para uma ditadura, a ditadura do pensamento único alinhado, que ataca os alicerces da Humanidade, e da nossa civilização constituindo-se uma forma de repressão e uma ameaça real e efetiva à liberdade.

O nosso escrutínio e juízo crítico deve ainda recair sobre o autoritarismo digital, um fenómeno em crescendo, em que as autoridades fazem a monitorização e vigilância das redes sociais dos meios de comunicação e inclusive “cortam” deliberadamente o acesso à internet como forma de impedir protestos ou reprimir dissidências, violando os direitos dos seus cidadãos. Sendo característico de regimes totalitários como a China, a Rússia, a Índia, ou Cuba, e apesar disso, ou, ou com isso ou por isso são cada vez mais frequentes.

Ainda há 2 dias o Presidente do Brasil Lula da Silva, no discurso proferido na sua visita a Portugal manifestou a sua pretensão de silenciar o discurso de uma direita, que apelidou de extremista e mesmo fascista, com o argumento de que esta seria responsável por

disseminar de notícias falsas e por desinformação. Anunciou que para o efeito tinha já um projeto de lei para criar uma certa regulamentação dos meios de comunicação e as redes sociais, para evitar a disseminação da mentira através da internet, alegando que as fake news mexem com a cabeça do povo.

Meus Senhores

O que considero mais preocupante é não se terem ouvido “sound bites” a esse respeito em Portugal entre os comentadores do costume.

Atente-se aos seguintes números:

Meus Senhores

Em 2021 autoridades de 34 países desligaram deliberadamente a internet 182 vezes. Ficam os números.

Questionamo-nos:

Onde estão os limites deste tipo de regulamentação? Quem os determina? Que ferramentas e instrumentos tecnológicos vão estar ao dispor destes governantes? Quem escrutina o seu uso? Qual o impacto para os cidadãos?

Mais uma vez com o politicamente correto é argumento para iniciativas de regulamentação com justificações que na sua origem até se podem considerar benévolas, mas que se constituem como um primeiro passo, para coartar a liberdade dos cidadãos.

É, pois, fundamental que em dia de celebrar a Liberdade nos questionemos sobre os riscos e perigos de uma certa regulamentação e das suas implicações para todos nós.

FIM:

Iniciei este discurso da seguinte forma:

Com o passar dos tempos impõe-se adaptar o discurso de “Hoje” (25 de Abril) para que o mesmo seja escutado “Hoje” (em 2023) e o que está na sua essência, que é de “Ontem, de “Hoje” e será de “Amanhã” prevaleça ao longo dos tempos!

Chegando a este momento, no CDS consideramos importante realçar que o discurso de hoje tem de ser interpretado, criticado ou exaltado no contexto de hoje, assim como os discursos, as produções literárias, artísticas, culturais ou académicas de ontem devem ser interpretados à luz do contexto em que foram produzidos, sem que sejam editados, reescritos, obliterados, censurados, cancelados, hoje, e ao arripio do que são os direitos fundamentais consagrados hoje, por exemplo na tão recente e citada Carta dos Direitos fundamentais da UE.

O espírito mesquinho, medíocre de cancelamento educacional, de cancelamento artístico, de cancelamento cultural de cancelamento literário, de cancelamento intelectual a que assistimos torna-se intolerável para o pluralismo e para uma sã convivência entre diferentes formas de pensamento, de crenças, de vivências dos Homens (com H grande) e finalmente,

conduz-nos a um definhamento do valor e dos valores da Humanidade nomeadamente da Liberdade, da Dignidade e da própria Vida do Ser Humano.

Viva a Democracia, viva a Liberdade

Viva sempre Portugal!»



----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL** agradeceu e disse: Chamava o Representante do Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata, Deputada Municipal, Hugo Miguel dos Santos Afonso.

----- **O DEPUTADO MUNICIPAL HUGO AFONSO (PSD):** - No uso da palavra, disse:

«Senhor Presidente da Assembleia Municipal e demais Membros da Mesa,  
Senhor Presidente da Câmara Municipal e Senhores Vereadores,  
Entidades que representam as diferentes instituições, civis, militares e religiosas

Comunicação social aqui presente

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Estimados meninos e meninas,

Caros Vila-realenses,

Celebramos hoje um acontecimento histórico do nosso país ocorrido em 1974 a que chamamos “A revolução do 25 de Abril” e que se traduz pela implantação da Democracia, em substituição de um regime ditatorial do Estado Novo, vigente durante mais de 40 anos. Esta ação foi liderada pelo Movimento das Forças Armadas, com uma adesão em massa da população, resultando numa reação do regime praticamente inexistente.

O mundo assistiu a um golpe de estado, com singularidade, pois não se derramou sangue e o povo saiu à rua em festa, utilizando cravos que ainda hoje são o símbolo da revolução.

Antes de Abril de 74, Portugal era um país anacrónico. Último império colonial do mundo ocidental, onde a expressão pública de opiniões contra o regime e contra a guerra era severamente reprimida, os partidos e movimentos políticos encontravam-se proibidos, as prisões políticas cheias. A educação não era um bem essencial, o sistema de saúde era muito deficiente e com uma cobertura muito reduzida, as acessibilidades muito fracas e as infraestruturas escasseavam. O país estava atrasado económica e culturalmente.

Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou o início de uma viragem histórica da sociedade portuguesa.

Hoje, mais de metade da população residente em Portugal (55%) nasceu depois de 25 de abril de 74.

Significa isto que, para quase 6 milhões de portugueses, a liberdade é um bem adquirido, para lhe darmos uso. Tão natural como é chegar a casa, acender a luz e abrir a torneira para beber água.

Não tiveram, pois, o infortúnio de suportar o cinzentismo e as perseguições políticas a que os seus antepassados estiveram sujeitos.

O Movimento Revolucionário de então, ficou conhecido pelos “3 D’s”: Descolonização, Democracia e Desenvolvimento, pretendendo com o uso destas três palavras, abrir a porta para um futuro mais promissor.

Quanto à primeira, o processo de descolonização terminou em dezembro de 1975.

Se a revolução fosse hoje, podíamos comutar o “D” de “descolonizar” pelo “D” de “descentralizar”. A descentralização é o caminho para o desenvolvimento integrado do país. O processo tímido que está em curso nesta matéria, deixa muito a desejar e, não

sendo concretizado de uma forma genuína e autêntica, pode colocar em risco a sua exequibilidade.

Os outros “D’s”, da “Democracia” e do “Desenvolvimento”, são desde 74 desafios e ambições inacabados e inconclusas.

Viver em Democracia, significa desde logo, poder dizer livremente aquilo que se pensa.

A Liberdade é a independência, autonomia e espontaneidade do ser humano.

Contudo, a Liberdade foi adquirida, mas deve ser cultivada, cimentada e fortalecida.

Como sabemos, *“Direito não cuidado corre o risco de ser direito retirado”*.

A oposição política é uma das componentes fundamentais de qualquer democracia. A noção de que em democracia o confronto de ideias sobre a resolução de determinados problemas e de visões para a sociedade como um todo, faz-se através da competição pacífica de projetos políticos, legitima o direito de fazer oposição e de contestar eleitoralmente o poder instituído.

Também o poder delegado através do voto não é eterno e, por conseguinte, os governantes de hoje poderem ser a oposição de amanhã, convida os adversários à prudência. O papel da oposição não se resume apenas a contrapor o governo para conquistar o poder. A oposição exerce igualmente uma função de controlo e fiscalização do executivo, de portavoz das aspirações de grupos que estão sistematicamente excluídos de soluções de governo, local ou nacional, integrando-os assim no sistema político.

A data de conceção da Democracia deve ser celebrada, mas tão importante como a conquista dessa mesma Democracia, é a manutenção e a sobrevivência da própria, com a contributo que cada um de nós pode e deve dar. Democracia é poder participar livremente nas iniciativas político partidárias, sem condicionalismos de qualquer natureza.

Liberdade é as pessoas poderem, numa atitude altruísta e voluntária, integrar por exemplo uma lista candidata a um órgão autárquico no partido político com o qual se identifiquem, ainda que não seja o que está temporariamente no poder, e não sofrer por esse facto qualquer tipo de reprimenda ou represália, seja de que tipo for.

Fica ou não restringida a Liberdade a uma cidadã ou a um cidadão que, apesar da sua vontade e predisposição, vê ameaçado o seu emprego ou de um familiar, se levar por diante a sua intenção em concorrer a uma eleição, integrando uma lista candidata, que seja opositora ao poder instalado?

Conforme preconizado na Constituição da República, *“Ninguém pode ser prejudicado na sua colocação, no seu emprego, na sua carreira profissional ou nos benefícios sociais a que tenha direito, em virtude do exercício de direitos políticos ou do desempenho de cargos públicos.”*

É pois, neste propósito, que temos de transformar e fortalecer verdadeiramente o espírito democrático da revolução do 25 de abril.

Todos os anos celebramos este dia. É dia de festa! Não devemos é andar de cravo na lapela este dia, a celebrar a Liberdade, e nos restantes dias do ano maltratarmos e afrontarmos a Democracia, e o genuíno espírito democrático.

Praticar a Democracia é governar para as pessoas sim, numa missão de serviço público, exercida com honradez, responsabilidade, transparência de quem coloca o interesse público acima do interesse pessoal, e saber respeitar a Oposição. Deve, pois, ser assegurado às minorias o direito de constituir e exercer uma oposição democrática àqueles que circunstancialmente governam ou exercem o poder.

Não ganhamos nada com excessivas crispações. Temos de aceitar as ideias dos outros, mas conciliá-las com as nossas convicções.

Sabemos que estes golpes na Liberdade, no Direito, ainda hoje, lamentavelmente acontecem.

A frase muitas vezes repetida "A liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro.", indica que a verdadeira liberdade respeita o próximo, e os seus direitos. Este é um desafio para quem nos governa, para o qual devemos estar atentos e vigilantes, sobre a sua observância.

E aqui entramos no terceiro "D", o terceiro pilar do Movimento Revolucionário: "Desenvolver".

O país hoje não está bem. A atual governo, de maioria absoluta, com apenas um ano de vida, já demonstrou que os portugueses não terão o desenvolvimento, as oportunidades, a qualidade de vida e o bem-estar que merecem.

Desvaneceu-se muito rapidamente a ilusão em que muitos se deixaram enredar. É, definitivamente, um governo fora de prazo, que pouco tem a dar ao País. A habilidade sugerida não é mais do que a fuga às responsabilidades.

Existem condicionalismos que nos provocam uma sensação de descontentamento e frustração sobre o estado de desenvolvimento de Portugal. Desde logo:

- Um estado social que não é competente: na educação, na saúde e no apoio aos mais desfavorecidos;
- Uma taxa de desemprego que origina muitas frustrações, especialmente para quem investiu em formação superior e não vislumbra uma oportunidade de realização;
- (ou) O continuado despovoamento do interior, na sequência de políticas erradas que favorecem o litoral e que originam nesse espaço uma excessiva concentração populacional;
- Apesar de vários anos a receber milhões de euros de fundos comunitários que deveriam servir para atenuar as desigualdades e apontar para uma efetiva coesão territorial, tal não se verifica;
- (ou ainda) A atuação de muitos políticos que, descredibilizando a política, não conseguem atrair mais pessoas, designadamente jovens e mulheres, para esta nobre missão que deveria ser o estar ao serviço das populações.

Mas a esperança não tem de ser uma palavra vã – não nos habituemos à fatalidade de nos contentarmos com remedeios.

Senhor Presidente!

Senhoras e Senhores convidados!

O poder local foi umas das conquistas de Abril. Por isso, neste momento lembro todos os Vila-Realenses que durante este período dedicaram o seu tempo no desempenho das suas

funções de autarcas, ao nível da Junta de Freguesia, da Câmara e da Assembleia Municipal, contribuindo para que os nossos conterrâneos tivessem melhores condições de vida.

O verde simboliza a Esperança, a Liberdade, a Saúde e a Vitalidade. O verde está associado a Vila Real, como o demonstra a nossa bandeira.

Tenhamos esperança em Acreditar num futuro mais belo e com melhores perspetivas de vida para os Vila-Realenses, sempre no respeito pela liberdade e cidadania.

Mahatma Gandhi dizia que *"o futuro dependerá daquilo que fazemos no presente"*.

Estamos todos convocados para construirmos um futuro melhor, e garantirmos melhores condições de vida aos nossos concidadãos.

Não podemos perder a Esperança. Não podemos deixar de Acreditar que pode ser feito mais e melhor.

Viva o 25 de Abril e tudo o que esta data representa!

Viva Vila Real! Viva Portugal!»

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:** - Agradeceu e disse: Chamáramos agora o Representante do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, Deputado Municipal, Hélder Albertino Carneiro Afonso.

----- **O DEPUTADO MUNICIPAL E PRESIDENTE DE JUNTA DA UNIÃO DE FREGUESIAS DE MOUÇÕES E LAMARES - HELDER AFONSO (PS):** - No uso da palavra, disse:

«EXMO. SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VILA REAL

EXMO. SENHOR PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DE VILA REAL

EXMOS. SENHORES VEREADORES E DEMAIS AUTARCAS

EXMOS. SENHORES PRESIDENTES DE JUNTA

EXMOS SENHORES DEPUTADOS DA ASEMBLEIA MUNICIPAL

CORPORAÇÕES DOS BOMBEIROS DA CRUZ VERDE E DA CRUZ BRANCA

EXMOS. SENHORES REPRESENTANTES DAS AUTORIDADES CIVIS, MILITARES E RELIGIOSAS

aqui presentes

MENINAS E MENINOS AQUI PRESENTES na sessão inicial

CARAS E CAROS CONVIDADOS

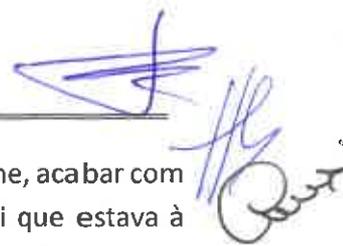
ÓRGÃOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES,

Celebramos hoje o quadragésimo nono aniversário do 25 de Abril, ato fundador do Portugal democrático e momento de reconciliação de um povo com a liberdade e com a dignidade humana.

Neste dia que há 49 anos reergueu e devolveu a Portugal a esperança de um futuro sem medo, sem opressão, quero prestar a minha homenagem, a todos os homens e mulheres que, com coragem, risco pela vida e guiados pelo sonho, fizeram acontecer o 25 de Abril.

Uma homenagem também a todos aqueles que, ao longo de décadas, mantiveram viva a esperança, mas não chegaram a testemunhar a madrugada libertadora, que hoje celebramos, e que morreram às mãos da Ditadura.



Também homenageio aqueles que saíram dos quartéis para derrubar o regime, acabar com a guerra colonial e mudar o País. Permitam-me que aqui inclua o meu pai que estava à altura destacado em Luanda – Angola, e que o 25 de abril permitiu que Ele e tantos outros soldados regressassem a casa sãos e salvos para junto dos seus.

Senhor Presidente

Minhas senhoras e meus senhores,

O País mudou, transformou-se com o 25 de Abril.

Hoje, somos um Estado de direito democrático e uma nação aberta e pluralista.

Somos, hoje, cidadãos livres e participantes na vida cívica.

Pertencemos, de pleno direito, à Europa desenvolvida e progressista e temos voz ativa na cena internacional.

A Democracia nasceu, cresceu, desenvolveu-se e atingiu a maioria. Hoje, 49 anos depois do 25 de Abril, e como dizia Mário Soares, um dos homens maiores de Abril, a Democracia não se discute – é como o ar que se respira.

No entanto existem ameaças à Democracia, há quem queira conter este ar democrático e livre que respiramos há 49 anos.

Permitam-me que partilhe nesta sessão solene algumas considerações em torno de uma das maiores ameaças existentes à Democracia, à Justiça e às instituições, TÃO PREOCUPANTE quanto PERIGOSO: o aumento de fenómenos como o POPULISMO.

São, no entanto, já bem perceptíveis os sinais de que o fenómeno vulgarmente conhecido por POPULISMO está aí à espreita, a começar pelas redes sociais, o meio por excelência para a transmissão de mensagens de ódio e de intolerância, direcionadas para todos os quadrantes da sociedade, NOMEADAMENTE PARA O PODER LOCAL.

Na verdade, o POPULISMO dá explicações simples e básicas para problemas difíceis e complexos, passando muitas vezes pela calúnia, difamação, tentando insinuar ou fazer passar mentiras por “dogmas de verdades”. Sempre escondidos num ecrã, sem darem o rosto, alguns populistas das redes sociais semeiam boatos, fazendo uso de uma linguagem básica, simples, direta e caluniosa.

Senhor Presidente

Minhas senhoras e meus senhores,

Não tenho, enquanto presidente de junta, um remédio milagroso que erradique esta praga, a que chamamos de populismo, que vai minando a nossa Democracia, e vai medrando também nas nossas freguesias.

De uma coisa tenho a certeza: o combate ao POPULISMO – SÓ PODE SER FEITO pela verdade e na verdade. Passa por compreender as necessidades da comunidade, reconquistar a confiança dos cidadãos, compreender o que move as pessoas, as suas necessidades e ouvir as suas propostas. Temos de sair à rua e falar com elas, auscultar as suas preocupações e fazê-las sentir-se parte da solução. E depois enquanto agentes políticos, primarmos sempre pela transparência e integridade e defenderemos e manteremos ativamente os valores democráticos.

Este ano o Senhor Presidente da Assembleia Municipal quis escolheu como tema o AMBIENTE.

Como sabemos os desafios de hoje são bem diferentes dos de há 49 anos. Mas, se há 49 anos não podíamos perder a luta pela liberdade e pela Democracia plena, hoje não podemos perder a luta pelo ambiente. Há 49 anos era urgente a liberdade, a democracia, hoje é urgente o ambiente, é urgente salvar o nosso planeta. Precisamos hoje de uma revolução ecológica, de uma transformação ambiental.

A crise ecológica está a acontecer agora. Acabou o tempo da especulação, do ceticismo e da negação, do populismo irresponsável.

Temos de agir.

Em 25 abril de 1974, conta o meu avô, que teve conhecimento deste acontecimento no meio da floresta. Não havia internet, telemóveis, redes sociais que permitisse no mesmo instante ter informação. Conta ele que a minha mãe lhe levou esta boa nova à Floresta, andava ele nos seus trabalhos agrícolas e florestais, mas precisamente na limpeza da mata, no cuidado da floresta.

E hoje?

Temos informação ao minuto...

Temos várias e sofisticadas máquinas agrícolas e florestais...

Mas temos a floresta totalmente abandonada.

A Freguesia de Mouçós e Lames acolheu em 2020 um projeto que não sendo pioneiro no concelho, é um projeto sustentável, de grande referência a nível nacional, falo-vos das equipas de sapadores florestais.

Não sendo um projeto perfeito, é um projeto que o estado central deveria apostar mais e com mais efetivos, com mais equipas, com mais financiamento.

Poderíamos falar sobre a eficácia dessas equipas, mas pretendo louvar o esforço e a dedicação que as 4 equipas do nosso concelho fazem diariamente em prol das nossas florestas.

Mas o ambiente não se esgota na floresta, gostaria aqui de salientar o esforço hercúleo que o município de Vila Real, nos últimos anos, nesta matéria: no saneamento básico, permitindo a despoluição de muitos dos nossos rios e ribeiras.

Falo de muitos projetos na área do ambiente:

Valorização Ecológica do Parque Corgo;

Recuperação e criação de novos Miradouros na área do Parque Natural do Alvão e criação de Guia dos Miradouros do Concelho;

Percursos Naturais do Corgo;

Recuperação da Central do Biel;

Constituição da Comissão de Cogestão do Parque Natural do Alvão;

Operação Biodiversidade sítio Alvão/Marão;

Plano da Preservação da Biodiversidade;

Para Cá do Marão Embalagens Não!

Recolha seletiva de Bio-resíduos;



Compostagem comunitária;

Mobilidade elétrica;

Agência de Ecologia Urbana de Vila Real e Centro de Ciência de Vila Real:

Temos, pois, que olhar para o Ambiente como a prioridade das prioridades, se quisermos legar um Planeta mais habitável. A Terra sofre, a casa de todos está em esgotamento: inundações monstruosas, enormes secas, ondas de calor desastrosas, ciclones e furacões catastróficos, incêndios violentos tornaram-se, infelizmente, o novo normal nos últimos anos; continuam hoje e amanhã vão piorar.

Neste último agosto tivemos o infortúnio de assistir ao incêndio que iniciou na Serra do Alvão e que varreu a parte norte do nosso concelho. Rogo-lhe Senhor Presidente da Camara, não esqueça esta área ardida, continue a investir, como tem feito nos nossos territórios. Continue a reivindicar junto do estado central mais investimento no setor ambiental.

Apesar das dúvidas, das incertezas e mesmo das resistências, a revolução ambiental no nosso concelho passou por fazer acontecer obras que eram esperadas há muitos e longos anos.

Há, naturalmente, ainda muito a fazer nesta área, mas seguramente o município de Vila Real, com a colaboração de todos, vai continuar esta missão comum:

- de privilegiar o peão e a bicicleta nas intervenções no espaço público, em detrimento do automóvel, com vista a diminuir a pegada carbónica;
- de ampliar a rede pública de saneamento à totalidade do concelho;
- de substituir toda a iluminação pública por tecnologia LED, para aumentar a eficiência energética;

As políticas públicas do ambiente poderão ser uma revolução silenciosa e pacífica, como aquela que foi feita em Abril de 74, se todos nos unirmos e trabalharmos para este objetivo comum, para que também nós possamos entregar aos nossos filhos e netos um país, um concelho, uma freguesia mais sustentável, mais verde, mais ecológica, mais Feliz.

Pergunto-vos: “Que mundo queremos deixar às nossas crianças e aos nossos jovens? Que Vila Real queremos para os nossos filhos e para os nossos netos?”

Senhor Presidente

Minhas senhoras e meus senhores,

É, para nós, uma obrigação e um dever cuidar da nossa Casa Comum,:

Está nas nossas mãos continuar Vila Real como uma cidade mais VERDE, mais ecológica mais sustentável;

Está nas nossas mãos continuar a fazer avançar o nosso concelho para políticas de educação ambiental e consciência ambiental;

Está nas nossas mãos apostar na educação para o desenvolvimento sustentável;

Está nas nossas mãos promover a cidadania participativa através do voluntariado ambiental;

Está nas nossas mãos a melhoria do ambiente em toda a sua dimensão ecológica;

Está nas nossas mãos continuar a moldar o futuro AMBIENTAL do nosso concelho, como o oleiro de Bisalhães habilidosamente molda o Barro;

Está nas nossas mãos continuar a carregar a responsabilidade e o equilíbrio AMBIENTAL como os Romeiros da Senhora da Pena carregam e equilibram o seu andor.

Temos de saber habitar a terra como casa comum, proteger a Natureza, respeitar o ambiente.

*Citando o Papa Francisco “Deus deu um jardim, não deixemos um deserto aos filhos”*

VIVA O 25 DE ABRIL!

VIVA VILA REAL!

VIVA PORTUGAL!

Muito obrigado!»

---- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:** agradeceu e disse: Agora convidava para usar da palavra o nosso Presidente da Câmara Municipal, Eng. Rui Santos.

---- **O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL (RUI SANTOS):** - No uso da palavra, disse: Muito bom dia a todas e a todos.

«Caríssimo Presidente da Assembleia Municipal, Caro Amigo Doutor João Gaspar na sua pessoa cumprimento e demais elementos da Mesa da Assembleia Municipal, e permitam-me que ainda antes de iniciar formalmente a minha intervenção, lhes diga que esta cerimónia foi altamente emotiva ou tem sido altamente emotiva.

Os nossos jovens, as nossas crianças que representam o futuro e, serão com certeza, aqueles que manterão o espírito 25 de Abril para o futuro.

O Coral da Cidade de Vila Real, que mostrou aqui de forma clara também, que a música é uma arma.

O Filandorra, que representou de forma extraordinária o que se passava antes do 25 de Abril e aquilo que o 25 de Abril significou. Dou os parabéns ao David Carvalho pela peça que aqui nos trouxe.

Faz com certeza que o resto da cerimónia obviamente salvaguarde a excelente intervenção da Senhora Professora Sara Pires, que trouxe aqui uma perspetiva ligada ao Ambiente, relativamente aos grandes desafios que temos para o futuro.

Eu estava a dizer que estas quatro intervenções, estas quatro ações iniciais, quase dispensavam o resto da cerimónia.

Felipe González dizia há dias comemorar é trazer memória e numa intervenção a que eu tive o gosto de assistir disse-nos “asseguro-vos que os que perdem a memória do lugar de onde vêm não são capazes de construir o futuro. O que nos dá identidade é a memória. O que nos dá identidade é ser leais à memória nos acertos e também nos erros. Devemos obviamente exaltar-nos com os acertos e devemos aprender com os erros”.

Mas, sobretudo a peça que o Filandorra aqui nos trouxe demonstra bem que não podemos ser complacentes com aqueles que querem regressar ao passado, não podemos ser cúmplices, não podemos estar nas meias tintas com aqueles que querem regressar ao



passado, não os podemos deixar passar, por nós não passarão. E, desculpem, mas fico absolutamente enojado e envergonhado com aqueles que nas meias tintas, com tacticismo aceitam, imaginam que aquele passado que foi aqui representado pelo Filandorra pode regressar, pode voltar. E, portanto, desculpem esta minha introdução, mas queria deixar aqui bem vincado, que este 25 de Abril, pelo menos para mim, será inesquecível, sobretudo pela forma cristalina e transparente com que aqui foram demonstradas algumas situações, que emocionaram por exemplo, o nosso Deputado Hélder Afonso, que lembrou e bem, que o seu Pai esteve na guerra, como esteve o meu e como estiveram muitos, se calhar os que aqui estão, na guerra do Ultramar. Que alguns tiveram família presa, que alguns foram humilhados e maltratados e que essa memória está a tentar ser esquecida por muitos. A memória é fundamental.

Exmas. Sras. e Exmos. Srs. Deputados Municipais,

Digníssimos membros do executivo municipal,

Caríssimos convidados, representantes de entidades civis, militares e religiosas e comunicação social,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

«As minhas primeiras palavras são para agradecer a presença de todas e de todos os que aqui estão, o que me enche de esperança de que o espírito de Abril continua bem vivo. Isso permite-me afirmar que jamais permitiremos que o obscurantismo da ditadura regresse e que aqueles que lutam contra a liberdade a democracia, mesmo tendo sido eleitos, não terão sucesso nos seus planos malévolos. Como há pouco disse, Não passarão!

Falemos então do 25 de Abril de 1974.

Regressemos atrás no tempo, e relembremos os três “D`s” que urgia cumprir há 49 anos: Descolonizar, Democratizar e Desenvolver.

Em Abril de 1974 Portugal vivia uma guerra que ceifava a vida de tantos jovens portugueses da geração dos meus pais. Uma guerra sem nexos, teimosa, que procurava preservar um império anacrónico, que roubava a autodeterminação a povos desde Angola a Macau, ou da Guiné a Timor Leste. Uma guerra que nos matava, que nos empobrecia e que nos isolava na cena internacional. Foram por isso fundamentais a Revolução de Abril e a DESCOLONIZAÇÃO, que significaram a libertação do jugo da ditadura, não só de Portugal, mas de todas as ex-colónias. Uma revolução pacífica, em que um pequeno número de oficiais e umas centenas de soldados, munidos de armas carregadas com cravos, deram ao povo português o exemplo e a coragem necessários para se acabar de vez com um regime político esgotado e injusto que nos oprimia.

E era então chegada a altura de DEMOCRATIZAR. De democratizar o acesso à saúde, à educação, à proteção social ou a uma justiça assente em leis iguais para todos. De promover a igualdade de género e de oportunidades, os direitos dos trabalhadores, ou o desenho de um novo modelo de organização social mais justo e universalista, de permitir que as liberdades que hoje consideramos fundamentais e basilares da nossa sociedade fossem uma realidade. A liberdade de opinar, de manifestação, de reunir, de imprensa ou as eleições livres.

Hoje, 49 anos depois do início desta nossa missão comum, nem todos estes objetivos foram ainda plenamente alcançados ou estão absolutamente consolidados. Aqui e além, escondendo opções ideológicas por detrás de crises mais ou menos artificiais, há até quem tente promover o retrocesso de algumas destas conquistas de abril. E é por isso que se torna fundamental que o nosso testemunho, daqueles que assistiram à conquista difícil desta nova realidade, seja passado às novas gerações, que estão também connosco hoje. Uma recordação que deve ser diária, pelo exemplo e pela forma de atuar, nomeadamente daqueles que, como tantos de nós aqui hoje, assumem a responsabilidade de serem representantes eleitos dos nossos concidadãos.

E chegamos ao terceiro pilar, o terceiro “D”, o “D” de Desenvolver.

Se regressássemos ao dia 25 de Abril de 1974 encontraríamos um país pobre e atrasado. Um país eminentemente rural, de profundas assimetrias sociais, com uma elevada taxa de analfabetismo e enormes desigualdades entre os seus cidadãos. Um país de emigração, em que tantos dos nossos familiares e amigos procuraram uma oportunidade no estrangeiro, abandonando o nosso território. Em que a taxa de mortalidade infantil e materna eram elevadíssimas e a esperança média de vida era significativamente mais baixa. 65 anos contra os 80 anos de hoje. Portugal era um país orgulhosamente só na sua política isolacionista, que o atrasava décadas em relação à Europa e ao Mundo.

Nos últimos 49 anos evoluímos muito, em todos estes aspetos. Mas sentimos que estas conquistas, dentro do território nacional, mantiveram um traço desses tempos idos: foram sendo implantados de forma assimétrica e desequilibrada. É por isso importante destacar o poder local democrático e eleito diretamente, que representamos nesta assembleia municipal e que não existia até ao 25 de abril de 1974. Muito para além do símbolo de liberdade que é a escolha democrática de quem nos representa localmente, devemos debruçar-nos sobre a importância das autarquias para o desenvolvimento e crescimento económico, local, regional e nacional. Acredito que essa é uma das novas liberdades que tem de ser conquistada no século XXI, a liberdade dos cidadãos em permanecerem nas suas terras porque aí encontram emprego, qualidade de vida e condições para fazerem o seu dia-a-dia com conforto.

Em 2023, a Assembleia Municipal comemorativa do 25 de abril centra-se nas tão atuais questões ambientais. E a este propósito, 49 anos depois da conquista de democracia no nosso país e em Vila Real, atrevo-me a acrescentar alguns “Ds”, que talvez não estivessem entre as principais prioridades daquelas e daqueles que iniciaram o caminho da nossa democracia, mas que são hoje uma prioridade para a Câmara Municipal de Vila Real, para a nossa qualidade de vida e para o nosso futuro comum.

O primeiro “D” é o de “Descarbonizar”. E a descarbonização tem passado por melhorar a eficiência energética dos edifícios públicos, tem passado por diminuir a velocidade de circulação automóvel na cidade, tem passado por introduzir transportes públicos elétricos na rede municipal e pelo reforço da própria rede. Tem passado por uma campanha permanente de plantação de árvores, quer substituindo as que se perdem fruto dos



incêndios florestais, quer aumentando a mancha florestal do concelho, quer dotando a nossa cidade de espaços verdes de altíssima qualidade.

O nosso novo segundo “D” é o “D” de “Despoluir”. Uma preocupação que tem levado ao reforço da recolha e tratamento de resíduos valorizáveis, que para além do plástico, do vidro e do papel, passa agora pelos resíduos orgânicos e até pelos materiais têxteis. Com esta ação, diminuámos a deposição de resíduos em aterro e estamos prestes a conseguir, finalmente, encerrar ambos os alvéolos do aterro que existe na Freguesia de Andrães. Mas a nossa principal ação de despoluição no concelho tem sido feita ao nível do saneamento básico. Já aqui foi sublinhado.

Ao longo dos últimos 9 anos alargamos a rede de saneamento em quase 25%, atingindo a média nacional e passando a cobrir dezenas e dezenas de lugares e localidades onde o saneamento era simplesmente encaminhado para os cursos de água ou se infiltrava nos lençóis freáticos, contaminando o ciclo da água. Para que tenham uma ideia no que foi feito nesta área, até há 9 anos atrás tínhamos cerca de 200 Km de conduta. Desses 200 km quase metade tinha sido feita por particulares, em sequência dos múltiplos loteamentos, que tinham surgido na cidade. Nos últimos 9 anos fizemos 117 km de conduta. Nunca em tão pouco tempo foi feito tanto investimento nesta área.

E o terceiro “D” que vos proponho, é o “D” de “Devolver”. Devolver a cidade de Vila Real às pessoas, acabando com a primazia dos automóveis, apostando nos meios de transporte suaves, alargando passeios e promovendo a mobilidade pedonal, vencendo obstáculos orográficos melhorando a acessibilidade a cidadãos portadores de deficiência, idosos e carrinhos de bebé. Devolver as escarpas do Rio Corgo e a natureza a quem se queira deslumbrar, percorrendo os lindíssimos passadiços que ali construímos, aproveitando para devolver também uma parte da nossa história, com a musealização da Central do Biel. Devolver, por fim, o conhecimento da natureza e da Biodiversidade às pessoas, através do nosso Centro de Ciência ou da Agência de Ecologia Urbana.

Minhas senhoras e meus senhores,

Neste dia dedicado à liberdade, à democracia, mas também ao ambiente, quero reafirmar o nosso compromisso em melhorar e em alargar TODOS os “Ds” de Abril a cada vez mais cidadãos e cidadãs, mas também os novos “Ds” do Ambiente. Assim temos feito nos últimos 9 anos e meio e assim continuaremos a fazer, porque Vila Real e os Vila-realenses merecem.

Termino enaltecendo, uma vez mais, aqueles que fizeram o 25 de Abril, aqueles que nos trouxeram até aos dias de hoje e aqueles que, no futuro, serão responsáveis por regar a árvore da liberdade. Alguns representantes desse futuro estiveram aqui connosco, e partilharam uma belíssima mensagem ambiental. A eles peço que sejam os grandes campeões da liberdade e do ambiente, e que não repitam os erros que nós, os mais velhos, cometemos e que continuem a acreditar que vale a pena lutar por um futuro melhor.

Por fim, reafirmo que uma das mais importantes liberdades terá que ser a de permitir que os Vila-realenses escolham ficar e trabalhar em Vila Real. E o Município de Vila Real quer cumprir Abril!

Viva Vila Real!

Viva o 25 de Abril!

Viva a Liberdade!»

----- **O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL:** - No uso da palavra, disse: Muito obrigado, Senhor Presidente, pela sua comunicação a esta Assembleia Municipal. -- Minhas Senhores, Meus Senhores a continuação de bom dia para todos.

O que significa o 25 de Abril de 1974 para quem vive em 2023

De que forma é que esta data mudou a vida das pessoas?

Alguns lembram-se como era, outros só ouviram testemunhos transmitidos pelos seus pais e pelos seus avós.

Atualmente atravessamos uma época histórica, na qual as forças reacionárias e digo mesmo até fascistas ressurgem tanto em Portugal como pelo Mundo e se multiplicam. É de vital importância que nos lembremos hoje 25 de Abril, o que tanto demorou a conquistar, pode de momento para o outro vir a perder-se.

No entanto, também é importante dizer que enquanto houver alguém que não tenha teto, alguém que não tenha comida, nem tão pouco saúde e educação, temos também de afirmar e ter coragem de dizer que Abril não se cumpriu ainda.

É por essas pedras basilares que temos que lutar, se quisermos aproximar minimamente um conceito ideal para a humanidade.

Foi de grande importância e significado e aqui presto uma homenagem justa a todas as comunicações aqui efetuadas, pela qualidade, feita por todos os participantes nesta Assembleia Municipal, que é festiva, evocativa do 25 de Abril de 1974, simbolizada pelos cravos vermelhos.

Estas flores, os cravos vermelhos, são flores muito populares, que simbolizam sentimentos tão nobres como o amor, o carinho e, que foram e são partilhados por todos. Aliás, elas denotam também grande admiração e possuem uma grande característica também muito especial. Costumam durar bastante tempo, podendo-se conservar em perfeito estado durante vários dias.

Mas, para que elas possam viver e durar, tal como todos os seres vivos é necessário cuidar, estimar e promover o equilíbrio da natureza, preservando o ambiente, evitando e combatendo a poluição porque meus caros e minhas caras amigas o diagnóstico é muito grave.

Esta doença, este diagnóstico tem um prognóstico muito reservado e se não fizermos imediatamente um Turnover na forma de estar e na forma de viver.

Estamos rapidamente aproximar-nos de um ponto sem retorno para o nosso Planeta.

Enfrentamos uma tripla emergência ambiental que destruirá Terra, nossa Casa Comum com a perda de biodiversidade, disrupção climática e uma poluição excêntrica.

Este Planeta, simplesmente foi planeado e criado para o homem, mas este tem vindo a destruí-lo progressivamente, por muito tempo. A humanidade vem a encurtar florestas,



vem a poluir os rios, oceanos e heroo dos campos até à sua exaustão. Estamos por isso, a devastar os ecossistemas o sustento com as nossas sociedades.

Desta forma, e, ao continuarmos a fazê-lo corremos o risco de nos privar de alimentos, de água e dos recursos necessários para sobreviver.

Esta degradação possível da natureza já compromete o bem-estar de cerca 3,2 milhões de pessoas, o que corresponde mais ou menos a 3,2 bilhões de pessoas aproximadamente, a cerca de 40% da humanidade, ou seja, quase metade da humanidade.

Mas, felizmente o Planeta Terra também tem características muito boas, é muito forte, é resiliente, mas claro, também se cansa e, por conseguinte, precisa urgentemente da nossa ajuda.

Daqui envio um alerta público, ainda temos tempo de reverter os estragos que temos causado. Não podemos desperdiçar oportunidade de nos salvarmos, mas principalmente, e é neles que temos que pensar os nossos filhos e netos, por quem tudo nós fazemos e que tanto nós amamos.

Não sejamos negligentes, não sejamos irresponsáveis. Claro, é óbvio que esta tarefa é colossal, necessitamos desde já de replantar e de proteger as nossas florestas, limpar os nossos rios, mares e precisamos de tornar as nossas cidades muito mais verdes.

Isto não poderá ser uma ação isolada, mas sim uma concertação da vontade de todos os países, um movimento global, que irá unir governos, irá unir autarquias, irá unir empresas, sociedade civil e cidadãos num esforço sem precedentes para podermos curar a Terra.

Desta maneira, e ao restaurarmos os ecossistemas podemos conduzir a uma transformação que irá contribuir para alcançar os objetivos de desenvolvimento sustentável.

Esta é a década das Nações Unidas, de restauração de ecossistemas, sendo um apelo global à nossa ação promovida e apoiada pela ONU, que reunirá todo o apoio político, investigação científica e força financeira para ampliar massivamente a restauração.

Todos e todas podemos contribuir.

Um dos efeitos importantes deste modus operandi é a criação, por exemplo, de novos postos de trabalho até 2030, gerando retorno de mais sete milhões de dólares, todos os anos ajudando a eliminar a fome e a pobreza, autênticos flagelos da sociedade atual e mundial.

Nos últimos cinquenta anos a população global duplicou, mas cerca de 1,3 bilhões de pessoas continuam pobres, e, 700 milhões passam fome.

No mesmo período de tempo a economia global cresceu cinco vezes em grande parte, divida à triplicação na extração de recursos naturais e energia, que impulsionaram o crescimento da produção, mas também o consumo.

Apesar de várias reuniões para travar a poluição, o mundo caminha para um aquecimento, de pelo menos 3 graus centígrados acima dos níveis pré indicadores até

2100, o que não cumpre a meta do acordo de Paris, de manter o aquecimento bem abaixo de 2 graus centígrados.

Também existem consequências para a saúde com cerca de um quarto das doenças, correndo os riscos relacionados com o meio ambiente. Das várias complicações e consequências da poluição, por exemplo, o aumento das doenças pulmonares.

E, notemos por exemplo, no que se passou durante a era do covid-19, vejam em que países em que se notou maior número de mortalidade, precisamente nos países mais industrializados, nos países onde a taxa de poluição era maior.

Também estamos a assistir a um aumento das malformações congénitas. Doenças oncológicas, estas também na sua etiologia de assinalar o uso desregrado de pesticidas, de químicos, na agricultura. Químicos esses, que irão ter um ciclo de infiltração para os lençóis freáticos da água que nós vamos consumir. Tudo isto são fatores propícios ao desenvolvimento destas doenças oncológicas.

Também estudos feitos recentemente em Londres mostram que alterações psicológicas e até psiquiátricas ocorrem em ambientes poluídos, como por exemplo as depressões, como por exemplo a ansiedade.

Existe até imaginemos maior índice de delitos e, como não podia deixar de ser, estão aqui muitos professores até um baixo rendimento escolar devido ao alto grau de poluição.

Experiências também realizadas recentemente demonstram, que a mudança destes alunos num ambiente altamente poluído para ambientes menos poluídos melhoravam e majoravam muito o seu rendimento escolar.

A poluição do ar causa cerca de 7 milhões de mortes prematuras por ano.

Por esta razão alguns países tomaram posições muito rígidas na prevenção de um ambiente saudável. Eu só aqui vou evocar dois exemplos: a Nova Zelândia adotou uma lei muito rígida, por exemplo, para o uso do tabaco; a França quase aqui nossa vizinha cortou, terminou as ligações aéreas entre distâncias de automóvel que duram menos de duas horas e meia, isto também é um contributo para o combate à poluição.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Para terminar vou também aqui assinalar que não é por acaso que a Câmara Municipal de Vila Real está a investir fortemente nas nossas Freguesias e na nossa Cidade para um desenvolvimento e uma preservação ecológica. Um facto é o grande investimento que tem sido feito no saneamento básico, o indicador muito importante no desenvolvimento de uma Região, num desenvolvimento de um País.

Parabéns à nossa Câmara Municipal, Senhor Presidente que está no caminho certo.

Muito obrigado a todos.

24 de Abril nunca!

25 de Abril sempre!

Viva Vila Real!

Viva Portugal!

Muito obrigado a todos e agora vamos ouvir o grupo “Mar de Pedra” que também vem abrilhantar a nossa sessão desta Assembleia Municipal. Muito obrigado.

O qual foi tocado e cantado a “Verdes são os campos e os olhos do meu coração”, “Dorme meu menino”, “Gaivotas”.

No fim da atuação do grupo Mar de Pedra, convidamos todos os presentes e todos aqueles que ainda hão de vir para um pequeno lanche para aconchegar os nossos estômagos, funcionando como aperitivo para o almoço. Muito obrigado a todos, bom feriado.

O Grupo Mar de Pedra agradeceu a todos.

#### **ENCERRAMENTO DA REUNIÃO:**

O Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal deu por encerrada a sessão, eram treze horas do dia vinte e cinco de abril de dois mil e vinte e três.

A presente Ata vai ser assinada, nos termos do disposto no nº 2 do artigo 57º do Anexo I à Lei 75/2013 de 12 de setembro e do nº 2 do artigo 79º do Regimento da Assembleia Municipal de Vila Real, aprovado na Sessão Ordinária da Assembleia Municipal de 29 de junho de dois mil e dezoito.

#### **O PRESIDENTE:**



#### **O PRIMEIRO SECRETÁRIO:**



#### **A SEGUNDA SECRETÁRIA:**

